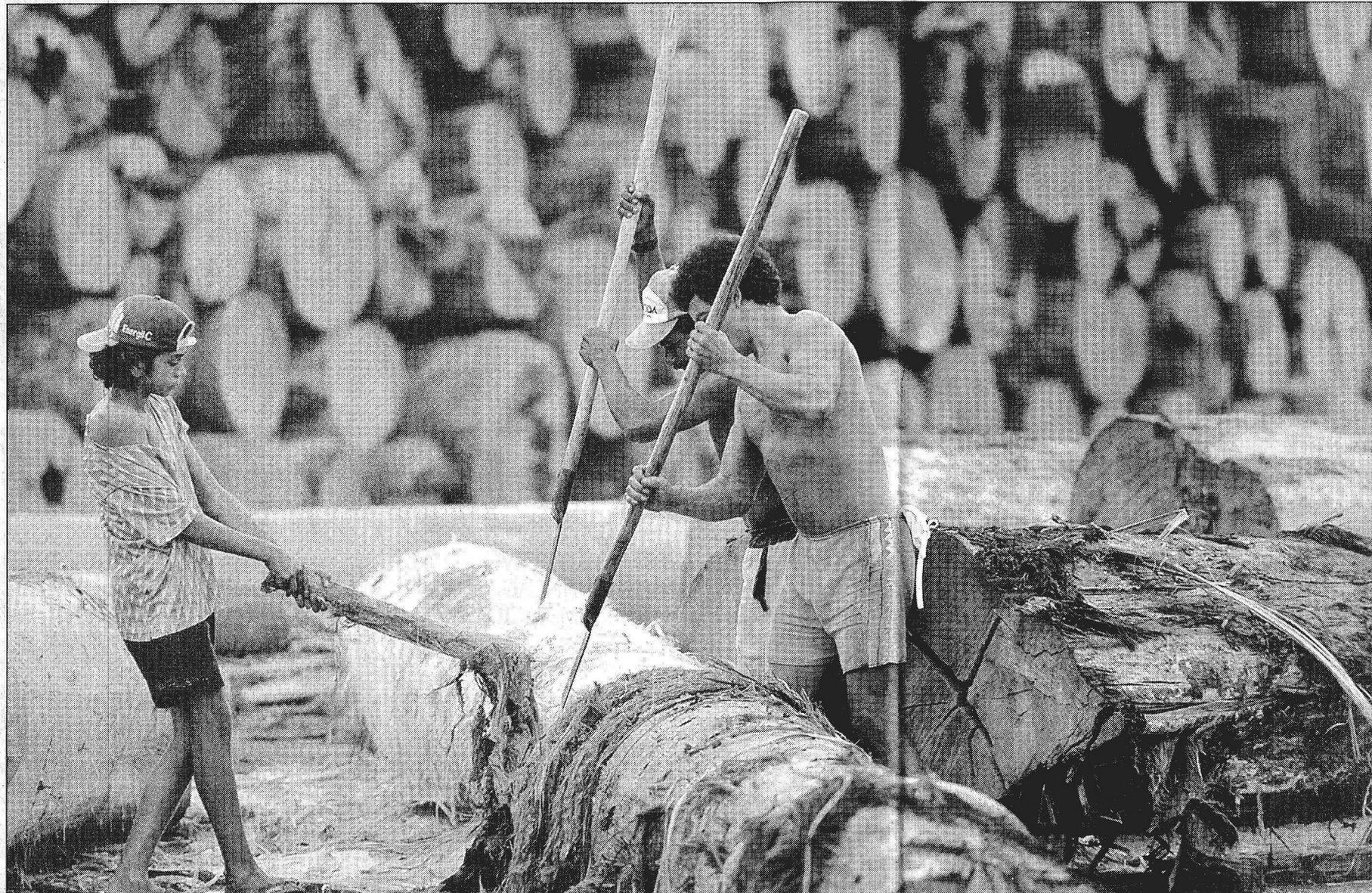


SE ACEITO ESCRAVOS, TAMBÉM NÃO SOU LIVRE

NINGUÉM SERÁ MANTIDO EM ESCRAVIDÃO OU SUBMISSO, SOB QUAISQUER FORMAS, ASSEGURA O ARTIGO 4º DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.

Tina Coêlho 7.12.96



CACHAÇA, DÍVIDA E MORTE

Maltrapilhos e famintos, eles trabalhavam 14 horas por dia. Na Fazenda Cuiabana, salário não havia. Mesmo assim, o dono da empresa — situada no município de Perolândia, 410 km ao norte de Goiânia — era generoso na hora de oferecer cachaça a seus funcionários, mantidos embriagados com doses periódicas da bebida para evitar revoltas. “Parecia uma boiada correndo desordenada para pegar a bebida”, disse o fiscal trabalhista Aldo

Barreto, depois de presenciar uma distribuição de pinga.

O caso foi parar na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) de Goiás quase por acidente, como parte do inquérito sobre o assassinato de um dos funcionários da fazenda, Agnaldo Lopes. Foi então que o horror veio a tona. Ao visitar o local em fevereiro, os fiscais encontraram 39 carvoeiros escravizados, muitos há mais de seis meses sem receber salários. O número total de vítimas deve ser ainda

maior, uma vez que inúmeros trabalhadores estavam cortando madeira nos arredores da propriedade quando os fiscais chegaram.

Os carvoeiros haviam sido recrutados em Bom Despacho, Minas Gerais, com a promessa de R\$ 5,00 por dia, casa e comida. Mas, já na fazenda, foram alimentados apenas com arroz e abóbora, além de água barrenta retirada de um córrego local. O alojamento? Barracas de lona plástica e chão batido.

Pior: os carvoeiros não tinham contratos de trabalho e lidavam com fornos sem botas, luvas ou qualquer outra proteção. E, como na maioria dos casos de trabalho escravo, eram impedidos de deixar o local antes de quitar dívidas de transporte, alimentação e moradia que supostamente teriam com os empregadores. Quando tentavam fugir das “dívidas”, eram espancados por capatazes da fazenda.